

DO CONHECER AO SENTIR - “conhecimento interno”

Adolfo Chércoles, *El conocimiento interno en el proceso de los Ejercicios*, **Manresa**, no. 278; 1999)

Processo da oração nos Exercícios: *meditação* (1ª Semana), *contemplação e aplicação de sentidos* (a partir da 2ª Semana).

No **processo** das quatro Semanas o **sentir** se incorpora ao **conhecimento**, que vem a ser o “*conhecimento interno*”.

Há três grandes momentos nos quais S. Inácio se refere ao “*conhecimento interno*”: na 1ª **Semana** (em relação ao pecado); na 2ª **Semana** (referência a Cristo) e na **Contemplação para alcançar Amor** (referência a tantos bens recebidos). Três momentos importantes nos quais cada um possibilita o seguinte. Com efeito, a dinâmica de uma **jornada** de exercícios, que consiste em duas *contemplações* (ou uma), duas *repetições* e uma *aplicação de sentidos* (“*el traer de los sentidos*”), é de suma importância para compreender o **conhecimento interno**.

Mas, como abrir-se ao “*sentir*”? Como sair do mero “*saber*”?

“Quando a REPETIÇÃO é regra de ouro”.

Para que haja uma **experiência profunda** e **durável**, é necessário tempo, evolução lenta, longas preparações... Não há **progresso espiritual** se não se tira o maior proveito possível das lições que vem das experiências anteriores. Por isso, o processo dos Exercícios decide-se nas **repetições**.

S. Inácio sabe que a **experiência** é mestra e formadora, mas somente a experiência *relida, rebatida, solidificada, saboreada*...

O que constrói a pessoa interiormente é a retomada permanente das experiências que viveu.

Aquele que não debruça sobre o quanto viveu permanece na superfície de si mesmo.

Habitando o exercitante a deter-se nos pontos ou aspectos pessoalmente fecundos, a **repetição** o guiará, pouco a pouco, a uma maneira de *oração simplificada*, tornando-a menos discursiva, porém mais *tranquila*, mais *substancial*, mais *afetiva* e mais *alimentadora*.

Ela ajuda a descer da cabeça ao **coração**; atenção maior ao que se passa no coração.

É estar atento às “*lições*” de Deus, às “*marcas*” de Deus no coração.

Através da **repetição** realiza-se o processo da *interiorização*, da assimilação progressiva dos valores do Evangelho, da pessoa de Jesus Cristo... Este é o fator pedagógico mais característico dos exercícios inicianos.

Onde não há **repetição** não há Exercícios; é através da **repetição** que se chega ao “*sentir*”.

E aqui nos encontramos com a descrição do processo do **conhecimento** humano. S. Inácio estava tocando fundo sobre como funcionamos em nosso conhecimento. Porque é na dinâmica mesma do nosso conhecimento onde se opera o “*sentir*”, que transforma em “*interno*” nosso conhecimento.

Isso pode ser constatado na aprendizagem de muitas habilidades humanas. Ex: motorista.

Não basta o “*saber*”. Nem sequer o desejar ardentemente isso que se sabe... O dia em que ele passa no exame é seguramente o dia em que “*sabe*” mais, o dia em que está mais motivado.

Tudo isso, no entanto, não lhe dá a segurança e o domínio real do carro; ao contrário, é quando se complica mais. Que lhe falta? A **repetição** do exercício.

O processo do **conhecer** não está ainda completo. O motorista continua manejando o carro e, sem saber por que, à base de repetição, adquire um **conhecimento** profundo e completo, insubstituível, no qual o “*primeiro saber*” é amplamente ultrapassado.

Ele passa a “*sentir*” o carro e o ato de dirigir torna-se automático.

Ele internaliza os movimentos e o manejo do carro.

Poderíamos dizer, com a terminologia iniciano, que esse **conhecimento** se fez “*interno*”.

Que “*el entendimiento sin divagar discurra asiduamente por la reminiscencia de las cosas contempla-das en los ejercicios pasados*” (EE. 64), ou seja, sem saber, passa-se da meditação à contemplação, através da **repetição**, quando o exercitante vai fazendo-se mais passivo.

Na **meditação** ele está buscando e aí não tira nenhum proveito.

Mas na **repetição**, das coisas meditadas passa à **contemplação**.

E na **contemplação** a palavra não é “*discurrir*” com o entendimento, que era o que devia fazer na meditação com as três potências, mas “*reflectir*”, que não é “*fazer reflexão*”.

“*Reflectir*” é o fato do raio de luz refletir-se (reflexo) no corpo opaco. É deixar “*refletir*” em si o fundamento verdadeiro da história; é simplesmente deixar que o raio de luz, derivado da contemplação, se reflita na própria vida e a vá transformando.

Em seguida “*traer los cinco sentidos...*”; “*aprovecha el pasar los cinco sentidos...*” (EE. 121).

O que está em jogo é a estruturação de nossa **sensibilidade**, que custa muito mudá-la.

Aquele que está aprendendo a tocar piano lhe aborrece repetir, repetir..., mas, ao final, os dedos correm sobre o teclado. Um dia se levanta e não tem mais vontade de tocar piano; mas nem por isso se esquece de como tocá-lo. Uma coisa é a **afetividade** e outra é a estruturação de nossa **sensibilidade**, que vai operando-se através das **repetições** e **aplicações de sentidos**.

O exercitante pode estar **conhecendo e sentindo** algo que o afetou e dinamizou seus afetos...

Mas precisa “*traer los cinco sentidos*” e “*pasarlos*”.

É o momento de tornar realidade o “*imitar en el uso de sus sentidos a Cristo nuestro Señor*”.

É na incorporação da **sensibilidade** (os sentidos corporais) onde o contemplativo joga seu “**conhecimento interno**”.

Em todo este processo a “**aplicação de sentidos**” é total passividade.

A **sensibilidade** é incorporada mediante a “**práxis**” e a “**práxis**” está ligada à estruturação da **sensibilidade**.

A reestruturação de nossa **sensibilidade** nos capacita para a “**práxis**” e, para o processo dos Exercícios, para o seguimento de Jesus.

Este processo tornará possível a “**Contemplação para alcançar Amor**”.

Se nossos “**sentidos corporais**” (248) e os “**sentidos da imaginação**” (121) foram se identificando aos de Jesus, nossa percepção da realidade terá outro significado.

Na “**Contemplação para alcançar Amor**” S. Inácio nos devolve à realidade. A realidade é a mesma. O mundo não mudou. Mudamos nós. A partir de onde?

Tal “**conhecimento**” da transparência do mundo é o término mesmo dos Exercícios, onde se pede “**conhecimento interno de tanto bem recebido**” (EE. 233).

A partir de nossa **sensibilidade** podemos perceber essa mesma realidade como um **dom**, como uma **oportunidade**, não mais como ameaça ou como objeto de conquista.

Depois do trabalho de despojamento e de oferenda que o exercitante foi vivendo, propõe-se um retorno ao mundo com um **olhar** diferente: o **mundo** passa a ser o lugar da receptividade e da oferenda: “*Tomai, Senhor, e recebei...*”, como resposta a uma realidade que se percebe como doação.

Desapareceu aquilo que era “**impedimento**”: não a realidade, mas nossa relação possessiva com ela, nossa maneira de relacionar como quem pretende apropriar-se dela.

Isto é, o **eu-descentrado** é o **eu** que não se experimenta separado dos outros, mas em profunda comunhão com tudo, porque tudo é “**diafania**” de Deus.

“*Esta diafania, esta transparência de Deus em todas as coisas criadas é a que deslumbrou e desconcertou Inácio*” (P. Kolvenbach).

Agora percebemos tudo como **dom**, não como exigência. Toda a transformação que foi se realizando neste processo de “**conhecimento interno**” é o salto da exigência ao **dom**. **Tudo é presente. E nós temos de ser presentes.**

Isto é uma verdadeira recuperação da realidade, mediante este “**conhecimento interno de tanto bem recebido... para... em tudo amar e servir**”.

Deste modo, revela-se que o “**conhecimento interno**” é um conhecimento que não se fecha em si mesmo, senão que, dando a conhecer “**a partir de dentro**” e para o “**adentro**” do Outro e dos outros, abre à mais límpida percepção da realidade, dinamizando e unificando as forças internas para melhor colaborar na transformação do mundo.